

## 10 MANDAMENTOS DA ARQUITETURA

*Frederico de Holanda*

### **Prefácio**

Seria difícil, mas todos poderíamos viver sem assistir a um filme, apreciar uma pintura, escutar um concerto. Todas as artes são aparentemente opcionais – e tristemente, muitas pessoas ainda vivem sem poder delas desfrutar, como privilégio de sua humanidade. Mas nenhum de nós, em qualquer parte que seja, remota ou próxima do mundo, poderia viver sem a presença da arte da arquitetura. O habitat humano não é puramente natural, mas lugar construído, nem que seja um abrigo provisório de ramos para proteger da chuva tropical ou uns blocos de gelo arranjados em cúpula para se abrigar da neve polar. Plantas e animais têm, cada qual, seu habitat; o ser humano habita – e por isso pode engenhosamente produzir a condição para viver em qualquer parte, da Antártida ao Saara à Lua.

Entretanto, cada vez menos a arquitetura é socialmente considerada como uma das mais importantes facetas da vida e da criatividade humanas. Cada vez menos os seres humanos comuns – da pessoa anônima da rua aos líderes que decidem as condições da vida econômica, política e social das nações – são educados de maneira a poderem perceber o alto grau de complexidade envolvida em sua fatura, e quão amplo é o conhecimento das artes e técnicas necessário para realizá-la a contento, e mais ainda, com qualidade, perenidade e pertinência. De fato, muito se constrói: a construção sustenta economias, alavanca o bem-estar social, provê as facilidades do mundo e sua acessibilidade a todos; de fato, fortunas são aplicadas nos misteres inerentes à arquitetura. Mas infelizmente, no mais das vezes tudo isso ocorre aos trancos e barrancos, sem cuidado, sem carinho, sem gosto e sem amor – quando não com erros técnicos básicos, ocorrendo desde a simples casa às edificações luxuosas, em enganos tão absurdos quanto evitáveis. A arquitetura não se restringe à capacidade de se aplicar açodadamente um saber fazer técnico (e disso apenas extrair altos lucros): a arquitetura é isso, mas é também muito mais. E é esse plus que sobeja que faz com que ela plenamente seja.

Tudo isso pode ser fácil de perceber para aqueles de nós que consagramos nossas vidas à deusa Hestia. Mas está longe de ser apanágio do senso comum. Talvez, se alguma vez esse sentido houve, há sido esgarçado e está quase perdido. É necessário algo fazer a respeito – não apenas por amor à arquitetura, mas principalmente, por amor ao mundo, que merece ser tratado com respeito, e que seu exercício afeta.

Pois, parece-me que Frederico de Holanda resolveu dar uma resposta cabal a essa crucial questão. O livro que ora apresenta só poderia ter sido escrito por alguém que disponha, como ele, de uma vasta e ampla experiência da arquitetura. Mas o livro que agora propõe está muito longe de ser um tratado para excelsos especialistas. Ao contrário, é um prazer lê-lo, e o prazer é fundamental para que uma mensagem seja ouvida, aceita, compreendida e quem sabe um dia, posta em prática. E será um prazer sua leitura, seja quem o tome em mãos: um leigo, um jovem estudante, um profissional de qualquer outro ramo, um colega professor de arquitetura – e quem dera, os clientes, inclusive aqueles que decidem como se financia a aventura de dar casa para todos os que estão investidos das dignidades do poder e querem usá-la para promover o bem. Que ainda os há e haverá.

Fred passeia no seu livro pelo habitat humano de todos os tempos e lugares, de cada qual extraíndo lições, sugestões, constatações, alertas. Quer entender a arquitetura como “campo de possibilidades”, sem esquecer que, se bem se possa tudo, nem tudo convém. Navega entre o detalhe e o geral, entre as suas preferências e idiosincrasias e o desejo de abrir horizontes além dos limites da experiência pessoal. E nessa viagem qualifica o que é arquitetura, como é, para que serve, como se aprecia, como se compreende, como se conhece.

Agrada-me o fato de que não esconde – pelo contrário, faz questão de revelar – quem são seus mestres: trata-se de um discurso referenciado e, portanto, relativamente parcial. É uma lição de vida para todos, ainda mais para os jovens acadêmicos que porventura virão a ler seu livro: nada provém do nada, ninguém cria o mundo isoladamente, estamos todos empenhados em dar prosseguimento à obra e à contribuição dos que nos precederam, e esse é o caminho certo para a construção de um mundo digno, tolerante, plural. Em geral são os totalitarismos opressores que gostam de fazer tábula rasa do mundo e das gentes para instaurarem sua própria e exclusiva ordem: morro de medo desses tais que se creem nascidos do nada para inventar o tudo, porque ou são perigosamente ingênuos ou engenhosamente perigosos. Nada disso é o livro de Fred. A partir de seus mestres, a quem homenageia e respeita, Fred vai mais além: abre horizontes novos e nos propõe uma leitura informativa e engajada.

Se bem que o engajamento seja, a meu ver, demonstração inequívoca de maturidade, certamente trará azo a debates variados, sempre e quando propostas e afirmações que contém roçarem outras maneiras de ver o mundo ou de enxergar as questões densas e complexas que debate e propõe. Em outros termos: sendo informativo e substancioso, o livro é também, numa segunda leitura, potencialmente polêmico, assim como também são os grandes produtos artísticos da humanidade, pois só a mediocridade deixa o leitor morno. Neste livro Fred ensina, ajuíza, pondera, propõe,

sugere, estabelece limites e abre perspectivas. Nada disso se faz sem estar bem posicionado, e qualquer posição estará sempre sujeita a revisões – especialmente quando sua lição já for aprendida e estivermos, jubilosamente, a caminho de coisas ainda melhores.

Enquanto isso – e retomando o raciocínio inicial – a penúria sobre o conhecimento da arquitetura, em nosso meio social, em nosso país – e pasmem, até mesmo em nossas instituições de ensino de arquitetura – é de tal ordem, que um livro da qualidade, pertinência, interesse – e porque não dizer, facilidade de leitura – como estes Dez Mandamentos da Arquitetura, é não só bem-vindo como altamente necessário. Para todos – e não apenas para arquitetos, feitos ou por fazer.

São Paulo, 31 de julho de 2013.

***Ruth Verde Zein***

Professora Doutora Arquiteta  
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo  
Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq